

## **Rituais e o Consumo de Discos de Vinil**

**PEDRO ZAMBELLI LOYOLA MOURÃO**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DE MG

**RAMON SILVA LEITE**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

Agradecimento à orgão de fomento:

CAPES

## RESUMO ESTRUTURADO

**Título:** Rituais e o Consumo de Discos de Vinil

**Palavras-chave:** Rituais, Discos de Vinil, Consumo Vintage.

**Introdução:** o presente estudo busca relacionar duas temáticas: em termos teóricos, procura compreender os rituais envolvidos com o consumo. Já em termos práticos, busca analisar o consumo de discos de vinil, um fenômeno que ainda permanece nos dias atuais, apesar do surgimento de diversas outras mídias. Rituais, diferentemente de ritos, hábito ou rotina, são ações planejadas cuidadosamente que devem seguir ordem específica, normalmente executados com formalidade e envolvendo grande aspecto emocional. Assim o trabalho em tela buscou analisar o consumo de discos de vinil e seus processos de ritualização.

**Problema de Pesquisa e Objetivo:** o presente trabalho irá se debruçar sobre os processos ritualísticos relacionados ao consumo de discos de vinil. Em virtude de tal contexto, surge a seguinte questão, que norteou o presente trabalho: quais aspectos ritualísticos permeiam o consumo de discos de vinil?

**Fundamentação Teórica:** ritual é uma atividade simbólica numa sequência fixa e episódica, que se repete numa experiência cognitiva envolvendo componentes emotivos (Verhoef et al, 2009), executado de forma não necessariamente consciente (Rappaport, 1999). O processo ritualístico pode ser fonte de prazer (Brooks et al, 2016), pois a ocupação da mente do envolvido com atividades ritualísticas reduz temporariamente a ansiedade, bloqueando assim eventuais pensamentos negativos (Van Dillen & Koole, 2007).

**Discussão:** Os dados, tratados por meio da análise de conteúdo, demonstraram que o processo de desfrutar de um disco de vinil está permeado de diversos rituais pelo público colecionador desta mídia, seja pelos rituais mais explícitos, como determinadas práticas, horários e formas de escutar um disco, bem como rituais implícitos percebidos no consumo, como a manutenção e limpeza da coleção dos discos.

**Conclusão:** Considera-se que o consumo de discos de vinil é caracterizado por diversos processos de ritualização, tal como na conservação e manutenção, que mais do que um simples cuidado com os artefatos, passam a ser parte integrante da experiência de consumo. Há também o consumo associado a atividades acessórias, que se confundem com a experiência de consumo do vinil em si. Por fim, há que se analisar a liturgia envolvendo o processo de se escutar um disco de vinil, com suas particularidades e procedimentos.

**Contribuição/ Impacto:** o disco de vinil pode ser considerado um artefato atemporal, ícone da cultura surgido no século XX e ainda relevante no século XXI, que à medida que envelhece ganha novas interpretações e ressignificados.

**Referências Bibliográficas:** Brooks, A. W., et al. (2016). Don't stop believing: Rituals improve performance by decreasing anxiety. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 137, 71-85

Rappaport, R. A. (1999). *Ritual and religion in the making of humanity*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.

Van Dillen, L. F., & Koole, S. L. (2007). Clearing the mind: A working memory model of distraction from negative mood. *Emotion*, 7, 715-723

Verhoef, Peter C., et al. (2009). Customer experience creation: Determinants, dynamics and management strategies. *Journal of retailing*, 85(1), 31-41.

## 1. INTRODUÇÃO: PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

Criado no final dos anos 50, o disco de vinil rapidamente se tornou a principal mídia de reprodução em massa para músicas em todo o mundo. Após seu auge, nos anos 70, experimentou queda constante nas vendas a partir dos anos 80 e teve seu menor patamar de

vendas no final dos anos 2000 (RIAA – US Sales Database). Este fenômeno é conhecido como Teoria da Cauda Longa (Anderson, 2006), cujo mercado de massa inicial sofre rápida modificação em que a demanda cai drasticamente, mas não se esgota e se transforma em um mercado de nicho.

Dessa forma, o modelo tradicional de vendas de discos de vinil se torna, gradativamente, mais obsoleto, ao passo que o comércio dessa mídia se transforma em um mercado muito específico, já que estes consumidores agora estão em busca de uma nova forma de consumo.

Entretanto, no início dos anos 2010, foi observado um fenômeno raro: o aumento nas vendas de discos de vinil, cuja participação no mercado de mídias físicas – incluindo CD's, fitas cassete e demais formatos – em 2020 superou todos os demais tipos de armazenamento (RIAA - 2020 Year End Music Industry Revenue Report).

Trazendo os dados para o contexto do mercado nacional, as vendas de discos de vinil ainda não superam as vendas da mídia CD, porém ao se observar o crescimento recente é constatado um aumento proporcional ainda maior do que o observado no cenário internacional. O relatório Mercado Fonográfico Brasileiro – 2021 do Instituto Pro-Música Brasil (afiliada brasileira da International Federation of the Phonographic Industry – IFPI) revela um crescimento total do mercado nacional em faturamento de 66% entre 2019 e 2021, com receitas totais de R\$1.268 milhões em 2019, e atingindo R\$2.111 milhões em 2021. Já os discos de vinil foi o segmento com maior crescimento no período. Este apresentou aumento de 230%, apresentando receita total de R\$708 mil em 2019 e atingindo R\$2.338 mil em 2021.

Nesse contexto o presente trabalho irá se debruçar sobre os processos ritualísticos no consumo de discos de vinil.

Em virtude de tal contexto, surge a seguinte questão, que norteou o presente trabalho: quais aspectos ritualísticos permeiam o consumo de discos de vinil?

A seguir o trabalho irá tratar brevemente sobre literatura de rituais e no capítulo seguinte será explicada a metodologia, detalhando o processo de coleta e análise dos dados. Avançando para a análise de resultados, foi executada a triangulação de resultados de forma simultânea entre público consumidor e público que comercializa discos de vinil, considerando as categorias relacionadas aos rituais de consumo de discos de vinil. Por fim o trabalho trás as considerações finais sobre o estudo.

## **2. RITUAIS DE CONSUMO**

Mais do que meramente uma experiência mística ou religiosa, o conceito de ritual deve ser entendido e interpretado como um comportamento essencialmente primitivo, numa experiência ritualística que envolve uma série de eventos desde os mais simples e breves, tais como rituais de despedida e saudações até os mais elaborados, como casamentos, funerais e outras cerimônias cívicas (Rook, 2007). Uma característica marcante dos rituais é a forma como os eventos são conectados entre si de forma fixa e exata: os elementos são precedidos de uma série de outros eventos que não variam. Outra característica definida por este autor é que rituais, ao contrário dos hábitos, possuem roteirização dramática bem definida, tendo começo, meio e fim e desencadeiam ou demandam ainda uma resposta comportamental entre os envolvidos: um aperto de mão recusado por exemplo tem grande significado social.

O termo ritual refere-se a um tipo de atividade expressiva e simbólica construída de múltiplos comportamentos que se dão numa sequência fixa e episódica e tendem a se repetir com o passar do tempo (Rook, 2007; Hobson et al, 2018) numa experiência cognitiva envolvendo predominantemente componentes emotivos (Verhoef et al, 2009). Porém o envolvimento e comprometimento são itens que diferenciam ritual de um hábito (Alpert, 2015).

Cabe ressaltar que nem tudo é ritual: atividades corriqueiras, como um jantar em família, podem não ser caracterizados como necessariamente um ritual (Hobson et al, 2018). Já um

jantar, como a páscoa judaica, é repleto de atividades que devem seguir um estrito código de normas e rituais, que assim se caracteriza como um ritual de fato. Segundo os autores, rituais podem regular emoções, se prestar a atingir certos objetivos e estabelecer conexão social com outras pessoas. Portanto, ritual não é um rito (Islam and Zpyphur, 2006), embora ambos se assemelham pela continuidade, o ritual é marcado por outras características, tais como emocionais, formais e rigidez (Hobson, Schroeder et al, 2017).

Um elemento chave para entender o processo ritualístico é a conexão entre os aspectos físico e psicológico (Hobson et al, 2018): através de ações rígidas, formais e segmentadas é possível estabelecer valor simbólico, psicológico para as ações (Boyer & Liénard, 2006). Mesmo que esse processo não seja feito de forma explícita pelo executor, ou seja, de forma não consciente (Herrmann et al, 2013; Legare & Souza, 2012; Rappaport, 1999), o fato é que através dos movimentos repetitivos típicos do ritual são atingidos os objetivos do processo ritualístico.

Para Hobson et al (2018) a forma de se executar um ritual pode ser “de baixo para cima” quando refere-se ao processamento dos estímulos conforme estes aparecem, combinando as partes individuais para então criar um todo. Seria então essencialmente uma experiência empírica, na medida em que o observador e praticante dos rituais vai incorporando os comportamentos ritualísticos de forma natural e inerente às ações. Já a percepção “de cima para baixo” refere-se ao processamento de informações, no qual é conduzido inicialmente por objetivos, de forma que um estímulo é primeiro enquadrado por várias expectativas e interpretações (orientado por regras) e posteriormente processado de forma sistemática e objetiva, visando a prática do ritual em si. Ou seja, primeiro se tem a preparação e expectativa, e depois as ações. Os mesmos mecanismos de processos cognitivos de baixo para cima e de cima para baixo são igualmente válidos para as três funções observadas nos processos ritualísticos (regular emoções, se prestar a atingir certos objetivos e estabelecer conexão social com outras pessoas) na mesma forma e intensidade.

Os rituais de troca (compra de um bem, usufruto de um serviço) representam, para McCracken (2007), eventos nos quais ocorre a recepção simbólica de um artefato entre seus participantes. Através da escolha dos bens a serem consumidos, o indivíduo é envolto em bens de identidade própria, e como consequência estes utilizam esses bens de consumo para se expressar, manifestar seu estilo de vida, princípios culturais, ideias e status na sociedade. Estes significados são transferidos do mundo interno do indivíduo para o mundo dos bens, e posteriormente (através dos rituais de consumo) para o mundo exterior.

Rook (2007) ainda destaca em seu artigo que uma experiência ritualística depende de quatro componentes, tangíveis, que podem ser classificados da seguinte maneira:

- A) Artefatos rituais
- B) Roteiro do ritual
- C) Representação dos papéis do ritual
- D) Plateia do ritual

Os artefatos rituais seriam basicamente os produtos de consumo em si, exemplificados pelo consumo de bebidas, alimentos, vestes cerimoniais, ou no caso em estudo os discos de vinil, bem como as vitrolas e demais equipamentos envolvidos no ritual de reprodução de áudio através de uma mídia em vinil. Os artefatos, ainda segundo o autor, serão responsáveis por comunicar as mensagens simbólicas específicas que irão integrar o significado das experiências ritualísticas. Também integram o rol de artefatos rituais objetos indiretamente conectados e/ ou acessórios, tais como ícones, logomarcas, cores e texturas. No caso de um disco de vinil se destaca o encarte do disco, que muitas das vezes representa valor intrínseco tão grande quanto o disco em si, pois carrega riqueza de detalhes, informações e qualidade que somente são encontradas nesse tipo de mídia.

O roteiro do ritual, para Rook (2007), orienta então a forma como os artefatos rituais serão utilizados. Se utilizando do termo roteiro cognitivo, no artigo o autor cita que o roteiro de

ritual irá descrever o paradigma, o padrão de como os artefatos serão utilizados: desde o uso mais limitado quanto mais extensivo de tais objetos. Além de definir quais materiais (ou artefatos) serão utilizados, o roteiro irá prescrever a sequência exata de utilização dos objetos. Essa definição de ordem será mais formal (em rituais cívicos mais formais, como funerais, casamentos, formaturas) ou menos formal (como em jantares e recepções empresariais).

Por fim, se examina a plateia do ritual. Esta pode ser delimitada por pessoas envolvidas diretamente no ritual ou para uma plateia maior, para um público de maior abrangência. Rook (2007) exemplifica que em um ritual envolvendo líderes cívicos a plateia é a população em geral.

Para DaMatta (2011) ritual é um sistema de comunicação simbólica, marcado por aspectos culturais que irão nortear as expressões e valores de uma sociedade. Segundo o autor os ritos de passagem são exemplos de fenômenos compostos de fases de separação e incorporação à sociabilidade, fazendo com que se percorra a fronteira entre o plano individual e coletivo (DaMatta, 2000). Rodolpho (2004) define que rituais podem ser uma ferramenta conceitual importante para a compreensão e interpretação de determinado grupo social, valores e crenças. Peirano (2003) também define os rituais como um sistema cultural de comunicação simbólico, o qual é constituído de sequências múltiplas e ordenadas de atos, palavras, arranjos e expressões padronizadas, variando de acordo com a formalidade do ritual em si. Nesse sentido os rituais estão presentes na nossa vida em diversos aspectos, tais como eventos de carnaval e feriados civis ou religiosos (Rodolpho, 2004) ou até mesmo esportivos (Fazal-E-Hasan et al, 2021).

O processo ritualístico pode ser uma farta fonte de prazer (Brooks et al, 2016; Norton & Gino, 2014), pois as ações físicas do ritual levam a uma ocupação da mente do envolvido, fazendo com que essa inundação de atividades do indivíduo reduza temporariamente a ansiedade (Boyer e Liénard, 2006), bloqueando assim eventuais pensamentos negativos (Van Dillen & Koole, 2007).

Segundo Bartmanski & Woodward (2013) o formato do disco em vinil oferece uma experiência que contrasta diretamente com práticas de escuta em outros formatos, exatamente porque não é o único, ou mesmo o principal formato atualmente (muito pelo contrário). Entretanto, suas características tornam-se mais legíveis e mais exclusivas. Sendo assim, seu consumo está relacionado a uma série de práticas que ajudam a consagrar o vinil como uma experiência de escuta sagrada: cuidar do vinil para proteger e preservar suas qualidades analógicas, limpar o disco, monitorar o toca-discos, garantindo sua integridade mecânica, ou prestando atenção e zelando pelo cuidado do equipamento. Essas práticas rotineiras de preparo e cuidado fazem com que a escuta do vinil, na verdade, exija muito mais trabalho e cuidado do que outros formatos, embora isso não seja interpretado tão simplesmente como trabalho, mas sim como práticas de cuidado e ternura (Campbell, 2005), que se relacionam a conexões emocionais incorporadas às práticas de escuta. Tais práticas podem, inclusive, diminuir a dor de pessoas solitárias que têm no consumo ritualístico uma fonte de busca por significado e reduzir efeitos da solidão (Wang et al, 2021), mesmo sabendo-se que há algumas limitações, como o consumo compulsivo, que tende a não produzir tais resultados.

Adicionalmente, Bartmanski & Woodward (2013) indicam que esses tipos de práticas de cuidado conferem ao vinil qualidades humanas. O fato de que o meio análogo se desgasta no processo de uso e no decorrer do tempo cria uma metonímia bastante interessante e é uma metáfora à experiência fundamental da própria existência curta e finita da vida humana. Para Harada (2019) o processo de se consumir um disco de vinil engloba os cinco sentidos do indivíduo, despertando reações psicológicas e emocionais envolvendo os rituais de manuseamento do disco, a experiência de compra, a relação com o lojista, sendo assim eventos e processos que vão além das respostas físicas do ritual em si.

Outro fator a ser destacado é o processo de curva de aprendizado, ou catequização (Rapeli 2018), do fator ritualístico envolvendo o vinil. Este autor observou uma evolução natural entre os ouvintes, à medida em que estes passam a consumir cada vez mais vinil, numa espécie de processo de aprendizado. Os resultados obtidos apontam que o tempo e a experiência fazem com que o usuário obtenha cada vez mais conhecimento e aprimore seus processos ritualísticos, sobretudo aqueles envolvendo cuidados e manutenção dos discos e equipamentos.

Bartmanski & Woodward (2013) afirmam ainda que uma outra característica marcante e peculiar ao disco de vinil são os aspectos táteis que dizem respeito à produção, execução e arte do disco. Ao contrário dos downloads digitais (que às vezes têm um acompanhamento de livro virtual), o álbum de vinil incentiva a ênfase nos aspectos patrimoniais da audição, tornando sua produção e reprodução diretamente visível para ser lida, tocada e sentida. Isso torna o vinil como um todo uma espécie de obra de arte palpável e durável, ou seja, um companheiro importante para as práticas estéticas ritualizadas. Enquanto a escuta digital favorece a leveza, mobilidade e facilidade de transferência, o vinil é atualmente feito para ser consumido devagar, saboreando cada momento. Exatamente pelo fato de o vinil não se prestar à portabilidade, ele demanda toda uma atenção especial, para que floresça como um meio exigente, orgânico, sofisticado e reflexivo. Dessa forma, o som analógico do vinil também pode significar uma experiência mais imersiva, na qual se pode sentir mais próximo da música ou pelo menos aproximar-se do ponto de vista imaginário (idealizado) do consumidor, no que diz respeito às condições propostas pelos produtores e/ou músicos responsáveis pelo álbum escutado.

### 3. METODOLOGIA

O estudo em questão tem natureza qualitativa, baseado em uma perspectiva iminentemente interpretativista. Com relação ao trabalho de campo, no início do processo de pesquisa, no intuito de se familiarizar melhor com o objeto de pesquisa, assim como observar o comportamento de consumo de discos de vinil, o pesquisador frequentou durante o ano de 2022 as feiras mensais do vinil realizadas no segundo sábado de cada mês na Casa do Jornalista em Belo Horizonte. Neste ambiente puderam ser estabelecidos contatos com expositores, vendedores de discos de vinil, colecionadores e entusiastas. Esse contato inicial com o campo foi bastante positivo, ao permitir um melhor conhecimento sobre o fenômeno, assim como possibilitou o acesso aos entrevistados.

Para a coleta de dados, a principal técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada. As entrevistas, agendadas previamente, foram precedidas de uma breve apresentação sobre o entrevistador e seu respectivo estudo, bem como uma explicação sobre o tema de pesquisa. Após essa apresentação era solicitada autorização para registro da conversa. O roteiro que guiou as entrevistas com os consumidores foi estruturado em 3 seções, totalizando 25 perguntas. A primeira parte abordava a relação do entrevistado com a música, seus gostos, influências, preferências enquanto colecionador, hábitos e rituais envolvendo o consumo de vinil. A segunda explorava a relação do indivíduo com o vinil, o que o atraía para essa mídia, perguntas sobre valorização e aspectos de superioridade sonora da mídia analógica. Por fim, na terceira e última parte da entrevista, o roteiro abordou temas relacionados à história do colecionador e temas familiares correlatos.

Foram realizadas 19 entrevistas com o público colecionador e entusiastas do vinil. O número de respondentes não foi estabelecido *a priori*, mas entendeu-se que o volume de dados coletados havia atingido o patamar de saturação teórica (Glaser e Strauss, 1967).

Num segundo momento, buscando a triangulação de fontes, foram entrevistados 11 proprietários e vendedores de lojas especializadas na comercialização de discos de vinil novos e usados. Foram identificados e selecionados 7 lojistas com atuação em Belo Horizonte. Esgotadas as tentativas e possibilidades na região, foram realizadas entrevistas com mais 4

lojistas de outros estados, sendo 2 do Rio de Janeiro e 2 de São Paulo, por meio de videoconferência. Também a quantidade de respondentes não foi definida previamente, mas após o décimo respondente entendeu-se que aumentar a quantidade de entrevistados já não traria ganhos significativos para a análise.

Em ambos os grupos, foi priorizada a realização da entrevista em caráter presencial, porém em virtude de conflitos de agenda, limitações impostas pela pandemia COVID-19, bem como distância geográfica de alguns entrevistados, algumas entrevistas foram realizadas mediante videochamada.

As informações sobre os entrevistados categorizados como público consumidor de vinil (colecionadores) bem como o público vendedor de vinil (lojistas) podem ser observadas nas Tabelas 1 e 2 a seguir:

Tabela 1 - Perfil dos entrevistados colecionadores e de suas entrevistas

<b>Nº</b>	<b>Idade</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Anos Colecionando</b>	<b>Origem</b>	<b>Data</b>	<b>Modo</b>	<b>Duração</b>
1	29	Gestora de Tráfego	12	Mestranda PUC Minas	28/04/2022	Presencial	0:23:04
2	58	Comércio de Discos	45	Expositor Feira do Vinil	12/05/2022	Presencial	1:18:05
3	38	Servidor Público Federal – Educação	23	Expositor Feira do Vinil	29/05/2022	Presencial	2:15:53
4	42	Motorista de Aplicativo	30	Expositor Feira do Vinil	01/06/2022	Presencial	0:37:36
5	39	Empresário de TI	10	Frequentador Feira do Vinil	03/06/2022	Presencial	0:25:00
6	66	Aposentado - Comércio de Discos	45	Expositor Feira do Vinil	06/06/2022	Presencial	0:52:55
7	27	Comércio de Discos	10	Expositor Feira do Vinil	07/06/2022	Presencial	0:16:28
8	38	Desenvolvedora de Software	6	Frequentador Feira do Vinil	14/06/2022	Videochamada	0:41:54
9	26	Músico	10	Frequentador Feira do Vinil	15/06/2022	Videochamada	1:13:36
10	27	Designer Gráfico	4	Frequentador Feira do Vinil	17/06/2022	Presencial	0:41:48
11	60	Produção de Equipamentos de Som	42	Expositor Feira do Vinil	21/06/2022	Videochamada	1:02:20
12	37	Advogado	4	Expositor Feira do Vinil	23/06/2022	Videochamada	1:34:22
13	39	Professor Nível Superior - Física	10	Frequentador Feira do Vinil	27/06/2022	Videochamada	0:47:42
14	30	Tecnólogo em Radiologia	7	Frequentador Feira do Vinil	29/06/2022	Videochamada	1:03:42

15	66	Psicólogo - Musicoterapeuta	54	Expositor Feira do Vinil	30/06/2022	Presencial	1:29:06
16	55	Professor	40	Grupo Whatsapp	11/07/2022	Videochamada	0:52:07
17	36	Engenheiro	6	Grupo Whatsapp	12/07/2022	Videochamada	1:15:55
18	56	Construtor	43	Grupo Whatsapp	12/07/2022	Videochamada	0:43:59
19	43	Dentista	20	Grupo Whatsapp	14/07/2022	Videochamada	0:37:22

Fonte: dados de pesquisa (2022)

Tabela 2 - Perfil dos entrevistados lojistas e de suas entrevistas

Nº	Idade	Anos Comercializando	Origem	Data	Modo	Duração
1	37	4	Grupo Whatsapp	15/07/2022	videochamada	0:30:23
2	42	3	Grupo Whatsapp	22/07/2022	videochamada	0:27:05
3	36	8	Feira do Vinil Maleta	23/08/2022	Presencial	0:13:13
4	21	1	Feira do Vinil Maleta	24/08/2022	Presencial	0:10:32
5	36	18	Feira do Vinil Maleta	27/09/2022	videochamada	0:16:02
6	64	40	Loja Mix Shopping	13/10/2022	Presencial	0:11:02
7	51	33	Loja Mix Shopping	13/10/2022	Presencial	0:08:28
8	59	45	Internet - Loja RJ	27/10/2022	videochamada	0:09:07
9	51	15	Internet - Loja SP	27/10/2022	videochamada	0:10:44
10	39	20	Internet - Loja RJ	28/10/2022	videochamada	0:54:10
11	45	15	Internet - Loja SP	28/10/2022	videochamada	0:18:46

Fonte: dados de pesquisa (2022)

Todas as entrevistas foram gravadas, sendo que as com os colecionadores resultaram em 18h12min54s, com duração média de 57min31s, enquanto as entrevistas com os lojistas totalizaram 3h18min30s, com duração média de 19min51s.

Foi utilizada a análise de conteúdo (Bardin, 2011) como método de análise dos dados, a qual é dividida em pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados - inferência e interpretação.

Após a coleta de dados, seguindo as recomendações de Bardin (2011), foi realizada uma leitura flutuante das entrevistas transcritas, no momento descrito como pré-análise, que consistia em verificar as motivações, características de consumo e aspectos relacionados aos significados atribuídos pelos entrevistados. Nessa abordagem preliminar foram organizados os documentos e enviados para o aplicativo MAXQDA PLUS 2022 versão 22.2.0, que organizava de acordo com as respostas, para assim efetuar a constituição do *corpus* de análise.

A categorização dos códigos de análise foi definida e executada como *a priori*, ou seja, foi observado o quadro teórico para a construção dos indicadores e categorias que foram confirmadas na etapa de análise. À medida que se evoluía na transcrição e codificação das entrevistas, tais elementos foram divididos nas categorias propostas. Inicialmente se observou um grande número de códigos relacionados ao bom estado de conservação dos discos, bem como manutenção destes e dos equipamentos de som. Também foram observados códigos que guardavam relação com rituais envolvendo o ato de se escutar um disco de vinil, tanto diretamente (como se ouvir sempre um disco por completo, nunca apenas uma faixa), bem como atividades acessórias, correlatas ao processo de audição, como, por exemplo consumir determinada bebida. Por fim, de forma surpreendente, também foram observadas, mesmo que em menor número, experiências de ouvintes de discos de vinil que alegavam não possuir quaisquer rituais associados, alegando, portanto, que a atividade de escuta de um álbum seria uma atividade que não carregaria nenhuma ação ritualística. Tal codificação pode ser observada na Tabela 3 a seguir:

Tabela 3 - Códigos e Categorias de Análise

<b>Categorias</b>	<b>Códigos</b>	<b>Quantidade</b>
<b>Rituais</b>	Conservação e Manutenção de Discos e Equipamentos	30
	Prezar Pelo Bom Estado de Conservação Geral	38
	Liturgia da Audição de um Vinil	20
	Ouvir Vinil Associado a Outras Atividades	29
	<b>Total Rituais</b>	<b>117</b>

#### **4. DISCUSSÃO**

O processo de desfrutar de um disco de vinil está permeado de diversos rituais pelo público colecionador desta mídia. De maneira geral, os ouvintes possuem determinadas práticas, horários e formas em comum de praticar o hábito de se escutar um disco.

##### **4.1.Liturgia da Audição de um Vinil**

A primeira característica, quase unânime entre os entrevistados, foi a prática de se ouvir um disco do início até o fim, iniciando pelo lado A, ao final virando para o lado B e ouvindo-o até o final, respeitando o objetivo do produtor daquele conteúdo que seria ouvir toda a obra, na ordem na qual fora gravado e proposto. Não há entre o público consumidor de vinil o hábito de se pular ou trocar de faixas, adiantar ou repetir músicas, seja pela certa falta de praticidade ou principalmente por uma questão de princípios. Quem consome vinil quer uma experiência, de certa forma, de se desligar do mundo externo e estar mais imerso à obra que está sendo ouvida, estabelecendo dessa forma a conexão entre os aspectos físico e psicológico do ritual (Hobson et al, 2018). Nesse sentido, não haveria sentido em ficar trocando de música o tempo todo, mas sim deixar o disco rodar por completo. Mesmo que o colecionador conheça apenas uma música, ou tenha interesse somente nela, é comum se respeitar o desejo do artista e ouvir o álbum inteiro.

E mesmo que este colecionador não goste de determinada música, não é comum ela ser pulada, mas sim aguardar ao final dela para que seja assim ouvido o álbum inteiro. A experiência de se escutar um álbum do início ao fim foi um dos breves momentos nos quais houve entre os colecionadores um consenso. Não houve sequer um registro de ouvinte que consumisse vinil de forma diferente, seja pela falta de praticidade ou principalmente por uma questão de princípios. Os relatos que melhor ilustram esse comportamento podem ser observados a seguir:

“C12: uma pequena regra que eu tenho é escutar lado A e lado B, sempre, pus o vinil para tocar, eu escuto lado A e lado B, a obra inteira, não vamos fazer igual Spotify que a gente pula música”

“C3: o ritual é sentar no silêncio e ouvir o disco do início ao fim, eu jamais paro ele, a não ser que seja interrompido, contra a minha vontade ou tenha algum compromisso.”

Uma analogia interessante, descrita por um dos participantes, seria de que um álbum poderia ser comparado a um filme, no qual, para se entender a obra por inteiro, não bastaria assistir a apenas uma cena (seria ouvir apenas uma música), mas ao se assistir a um filme por inteiro (um álbum), se teria toda a compreensão e profundidade da obra proposta, sobretudo quando o espectador se propõe a ouvir uma obra conceitual, de rock progressivo, por exemplo. Mais interessante ainda é notar que a mesma explicação pode ser observada nos resultados de Rapeli (2018), no qual o entrevistado número 5 daquele trabalho faz analogia semelhante, indicando que parar de escutar um álbum no meio de sua execução seria algo como parar de assistir a um filme no meio, ou seja, essa interrupção seria prejudicial para o entendimento da obra como um todo.

O Entrevistado 14 trouxe essa percepção de que uma música seria comparada a uma cena de um filme, enquanto um álbum seria comparado ao filme como um todo. Ouvir uma música daria a percepção de um momento, um trecho, enquanto ouvir um álbum daria o entendimento da obra como um todo:

“C14: eu gosto de escutar o álbum inteiro, para mim é como se fosse um filme, eu pegar uma cena do filme, por mais que tem um álbum que, ah, não gosto dessa música, eu acho que é meio chata, mas eu gosto de ouvir tudo, porque você pega de fato o que o artista quis passar naquilo ali, principalmente se você estiver vendo, escutando um álbum conceitual.”

O ato de se ouvir um disco de vinil demanda do seu praticante certa atenção, cuidado e dedicação. Foi constatado, ao longo das entrevistas, que de maneira geral o ato de se contemplar uma obra através do vinil é um processo que se faz sozinho, no silêncio, com paz, sem interferência de ruídos externos e sem estar envolvido com outra atividade que demande atenção, a exemplo dos resultados obtidos por Harada (2019). Naquele trabalho, se identificou que a atenção demandada pelo simples fato de se selecionar o disco a ser tocado, posicionar uma agulha, e a atenção dedicada ao processo de preparação já demandam naturalmente do ouvinte um certo cuidado, que naturalmente se refletiria na etapa seguinte, que seria de escutar o disco propriamente dito.

Nesse sentido não se ouve vinil trabalhando, estudando, conversando com terceiros, ou fazendo qualquer atividade que exija do ouvinte a sua dedicação, segundo os Entrevistados 11 e 02:

“C11: preferencialmente sem conversalhada, sem outras coisas ligadas, não dá, você vai escutar música, você tem que parar e escutar a música, não dá para você escutar música com cachorro latindo”

“C2: O LP você tem que parar para escutar, é outra experiência. Você vai lá, coloca lado A, lado B, fica lendo a capa. O streaming não tem isso, você escuta fazendo outra coisa.”

Aqui os resultados se mostram aderentes ao que foi constatado por Rapeli (2018), em que o processo de escutar vinil obriga um certo cuidado e atenção, que justamente valorizam e enriquecem a experiência de se ouvir um disco de vinil. Segundo os participantes daquele trabalho, não há estímulo por parte dos ouvintes de streaming de se dedicar a alguma atividade

envolvendo aquele momento de escuta, de desfrute da obra do artista, sendo inclusive muito comum ouvir o áudio digital executando outras tarefas que demandem a atenção, como estudar e trabalhar, por exemplo. Já o vinil caminha em sentido oposto, obrigando o ouvinte a se envolver mais com a atividade de escuta do álbum, trazendo inclusive mais autenticidade e originalidade ao processo de se desfrutar de um disco de vinil.

Esse sentimento é compartilhado pelos lojistas enquanto consumidores de disco de vinil, como evidenciado pelo Lojista 2:

“L2: eu não estou nem pensando assim do próprio encarte, de ter um disco grande com a capa, eu acho esses aspectos mais interessantes, tipo, toda a preparação aí para você ouvir o disco, ligar a máquina, colocar o disco, tacar na agulha, abrir o encarte, ver como é que é, eu acho que, tipo cria um laço mais especial na hora de ouvir, do que só colocar uma música no Spotify e ouvir”

Zenerian (2008) vai um pouco além do processo de meramente se ouvir um disco e classifica tal ação como um processo de se dedicar à experiência de “ouvir-fazer” vinil. Por se tratar de uma experiência altamente imersiva, o vinil não se limita então a uma experiência meramente auditiva, mas que despertaria todos os sentidos. A experiência visual, através das capas, encartes, o giro do disco na vitrola, experiência tátil através da maior quantidade de matéria física envolvendo o disco, o equipamento de som, experiência olfativa através do cheiro característico de um vinil novo são alguns dos exemplos de características sensoriais que marcam a experiência de consumo dessa mídia. É o que relatam os Entrevistados Consumidor 10 e Lojista 05, segundo os quais os discos possuem aspectos a ser observados, admirados valorizados e sentidos:

“C10: eu tenho discos coloridos e eu gosto de ver eles girando, dá uma diferença.”

“L5: Eu acho que tátil sabe, é aquilo que eu te falei, questão do pegar no vinil, entende? Ver o encarte, dentro conta uma história, vem com encarte que conta uma história, então é mais o tato mesmo, a questão de ir lá tocar no som, tirar a agulha, por agulha, essa questão eles gostam bastante.”

Aqui há presente os três requisitos que definem um ritual e o separam de um hábito, rotina ou superstição (Hobson et al, 2018): sequência predefinida de ações, executada de forma repetitiva, imbricada em um contexto de significados e simbolismo que contém elementos que não expressam um propósito direto, ou um objetivo em si mesmo. Essas características estão presentes na liturgia de se escutar um disco de vinil.

#### **4.2.Ouvir Vinil Associado a Outras Atividades**

Eventualmente o processo de ouvir um disco de vinil pode estar associado a algumas atividades acessórias, complementares ao afloramento dos demais sentidos. Há que se ressaltar que não são atividades produtivas e que exijam do ouvinte competir a atenção com as experiências imersivas, mas sim potencializá-las através de atividades de relaxamento e aumento do prazer de se desfrutar da música por meio do vinil (Brooks et al, 2016), sendo que tais atividades acessórias podem se mostrar muito prazerosas e benéficas (Norton & Gino, 2014), atuando como indutoras de relaxamento e promotoras de bem-estar.

Alguns entrevistados exemplificam tais atividades, como nos exemplos a seguir, porém são sempre atividades complementares, que envolvem relaxamento:

“C1: geralmente, quando vou escutar, fumo charuto, e sem querer associo as duas coisas. Se não tiver charuto não deixo de escutar, mas em 99% das vezes está envolvido. Geralmente eu sento, fico lendo as dedicatórias de novo, fumando meu charuto, pensando ou não penso em nada também, é um momento meu.”

“C9: gosto, por exemplo, muito de ouvir disco quando eu acordo, ou no final da tarde, na hora que eu estou tomando um café, eu acho que faz todo um casamento assim, né, a junção

das coisas, nem sei se eu poderia falar isso aqui, mas enfim, eu gosto muito de fumar um e ouvir um disco, eu acho que dá uma projeção maior, sabe, assim.”

“C13: Os rituais, assim, eu, de preferência tenho que ter um vinhozinho do lado. Então, um vinhozinho do lado, coloco o som de vinil pra tocar.”

Nesse contexto há a observância do processo de ritualização “de cima para baixo” (Hobson et al, 2018), e os rituais servem como uma forma de distração, bloqueando o surgimento de possíveis pensamentos negativos no indivíduo.

Os rituais envolvendo ouvir os discos de vinil nem sempre são feitos de forma solitária. Há aqueles que preferem fazê-lo na companhia de amigos, estabelecendo assim um processo de ritual em grupo.

“C14: eu tenho sim alguns rituais, por exemplo, fim de semana, não é sábado assim que eu estou de boa aí eu vou, geralmente eu vou colocar o disco já começo cedo, sei lá, dez horas da manhã, onze horas, começo a lavar os discos ... enquanto isso eu vou tomando uma cerveja ... os amigos vão chegando.”

“C14: o ritual está mais relacionado a isso, a lavar disco, ouvindo, tomar uma cerveja... (a) questão de ritual é ... quando eu não estou bebendo ... (e) vou ouvir eu fico mais é lendo encarte, vendo letra, você quem que fez e tudo mais.”

“C18: aqui em casa a gente começa a ouvir som, geralmente começo ali cinco e meia, seis horas, então está com os amigos, a gente vai com vinil até umas nove e pouco... depois quando chega meia noite, uma hora aí é só DVD.”

Em outras ocasiões esse processo pode ser feito não de forma individual, tampouco de forma comunitária (com amigos), mas sim num grupo mais íntimo, familiar, ou conjugal, como narrado pelo Entrevistado Consumidor 17. Este cita que o processo ritualístico de se escutar vinil faz parte da rotina da relação do casal:

“C17: existe uma dinâmica de se escutar o disco, pelo menos aqui (em casa) é uma dinâmica definida ... são certas coisas que acontecem para escutar o disco, então até a minha esposa mesmo às vezes cobra, ah, coloca uma música lá, coloca um disco lá, por que não está tocando um disco, ah, agora eu quero escutar isso, quero escutar aquilo.”

Em algumas situações foi relatado o processo de se escutar um disco de vinil menos associado a uma atividade específica (consumir determinado produto, executar determinada rotina) e mais marcado pelas ações acessórias naturais do processo de preparação e colocar efetivamente o álbum para ser ouvido, como no caso do consumidor 10. Nesse sentido, o processo ritualístico vêm justamente da atividade de colocar o disco em si, e mesmo sem uma atividade rotineira acessória específica, o ato de contemplar esta atividade já seria a atividade que gera prazer e significado para o ouvinte:

“C10: eu gosto de parar, colocar o disco, tirar o disco, colocar o disco lá com todo cuidado, ver a agulha se posicionando, a música começar a sair, aí eu pego o disco, fico observando a capa, lendo, ou então só fico lá encarando ele girar... eu tenho discos coloridos e eu gosto de ver eles girando.”

“C19: Eu gosto, quando eu estou em casa, eu gosto de escutar sozinho, e aí no caso do vinil eu lavo o vinil, passo ali um impermeabilizador, limpo ele antes de rodar, limpo agulha, mas eu basicamente escuto sozinho, gosto de escutar sozinho, às vezes sem nada mesmo.”

Houve também, entre os lojistas, relatos de comportamentos altamente ritualizados no consumo do vinil. Desde os comportamentos citados anteriormente como atividades acessórias, formas e procedimentos para se escutar o vinil ou até mesmo rituais em grupo, envolvendo o consumo de vinil, como festas para tocar vinil.

“L3: E o outro tipo, eu acho que gosto sim do ritual, de ter aquele espaço ali na sala dele, com os discos, aí até em festa também, “ah, vou fazer uma festa para tocar vinil”, põe um, põe outro, o pessoal fica escolhendo e tal, mas o interesse é mais pelo ritual, do que pela qualidade do áudio, tem muita gente que não percebe a diferença e gosta de vinil.”

“C12: Que experiência agradável, né, você põe o lado A, vira o lado B, regula o som, aí cada hora um escolhe um LP tomando cerveja, batendo papo.”

Em tais ambientes e situações o destaque seria menos a qualidade ou suposta superioridade do áudio e mais a interação, a sociabilização em torno do vinil.

“C2: O LP você tem que parar para escutar, é outra experiência. Você vai lá, coloca lado A, lado B, fica lendo a capa... A experiência do LP é chamar os amigos para sua casa, “vamos lá escutar um vinil”, pois antigamente era assim, não era todo mundo que tinha equipamento, não tinha dinheiro para comprar tantos discos. Aí juntava, cada um levava 3, 4 discos, era outro jeito de escutar. Nisso o LP ganha, a experiência, o ritual.”

Nestas situações em específico, o consumo em grupo seria promovido e voltado não somente para a música, mas para a escolha, a interação, o ritual envolvendo as trocas e a seleção musical feita pelos participantes.

Esse é o parecer do Entrevistado Lojista 4, para o qual todas as ações envolvendo o vinil fazem com que o ouvinte de vinil se relacione de uma forma distinta do ouvinte de outras formas de se prover música, como, por exemplo, nos serviços de *streaming*.

“L4: eu acho esses aspectos mais interessantes, tipo, toda a preparação aí para você ouvir o disco, ligar a máquina, colocar o disco, tacar na agulha, abrir o encarte, ver como é que é, eu acho que, tipo cria um laço mais especial na hora de ouvir, do que só colocar uma música no *Spotify* e ouvir.”

“L4: Eu acho que tátil sabe, é aquilo que eu te falei, questão do pegar no vinil, entende? Ver encarte, dentro conta uma história, vem com encarte que conta uma história, então é mais o tato mesmo, a questão de ir lá tocar no som, tirar a agulha, por agulha, essa questão eles gostam bastante.”

Eventualmente todas estas atividades, sejam preparatórias, manutenções e rituais envolvendo o vinil criam no ouvinte laços e conexões mais fortes com o artista, com a música e sobretudo com o artefato vinil.

### **4.3. Conservação e Manutenção de Discos e Equipamentos**

Com relação ao processo de conservação dos equipamentos e discos, aqui há uma unanimidade: desde os mais metódicos até os menos rigorosos, todos concordam que há um mínimo de cuidados que precisa ser estabelecido visando a conservação e durabilidade dos equipamentos e mídias para garantir sua apreciação e aumento de vida útil. Na maioria dos colecionadores se observou que estes dedicam considerável quantidade de tempo e energia no ato de colecionar, e não foi surpresa observar o alto grau de especialização definido por Belk (2001). Essa grande especialização, obtida naturalmente através da dedicação, foi refletida em uma predominância pelo alto nível de cuidados com os equipamentos e coleções. Há diversos níveis de gradações nos cuidados, desde os mais exigentes e cuidadosos como, por exemplo, os Entrevistados 14, 12 e 6:

“C14: Uma coisa muito comum, mas tipo assim, colocar capa no disco, eu dou uma limpada na capa, o toca-discos periodicamente, quase todos os finais de semana aí eu de dois em dois finais de semana eu regulo o peso da agulha, limpo a agulha, aspiro, eu sou meio cheio de toque com esses trens, para falar a verdade, eu sou meio chato [Risos].”

“C12: eu tenho todo um processo, lavou, só vai para o armário, eu deixo separado num cantinho do quarto, aí eu limpo, eu tenho todo um processo, realmente isso aí é uma coisa bem chata minha, eu separo em pilha, tiro todos, até no acervo, que já vem mais limpinho, eu limpo todos, tiro, aí eu separo, estendo a toalha com a água mesmo, uma bucha delicada, detergente neutro, lavo lado A e lado B, tiro, escoro com outra bucha o excesso, ponho para secar no escorredor, faço isso com todos, limpou, aí eu vou e troco o plástico.”

“C6: Ninguém mexer, não deixo, nem minha esposa, nem minha filha, não deixo ninguém mexer, nos meus discos não.”

Por se tratar de equipamentos altamente especializados, muitos dos quais já não são mais produzidos, e discos que também já não são produzidos em massa, não foi surpresa identificar que os proprietários são muito criteriosos em cercar o acesso aos seus equipamentos e coleções, inclusive a familiares próximos. O cuidado foi manifestado pela preferência em executar manutenções com técnicos altamente especializados e o manuseio da coleção era comumente exclusivo de seus respectivos proprietários.

Os cuidados e rituais de manutenção, tanto dos equipamentos quanto da coleção, foram os mais variados possíveis, desde utilização de equipamentos de alta tecnologia envolvendo limpeza através de ultrassom até utilização de cola para remover impurezas. No geral os colecionadores têm o hábito de sempre manter os seus discos livres de poeira e sujeira, segundo os quais são os grandes responsáveis por danos aos discos. Há uma preocupação geral em sempre manter os discos limpos, através de lavagens com água e detergente neutro periodicamente. De maneira geral os colecionadores também se preocupam em armazenar os discos sempre na posição vertical, visando não gerar empenos ou danos através do desaconselhável empilhamento das mídias. Os equipamentos de som, a exemplo de veículos automotivos, devem sofrer inspeções periodicamente, e peças de desgaste, como correias e agulhas, devem ser trocadas ao atingir uma certa quantidade de horas de uso.

Há aqueles que exercem algum tipo de cuidado, porém reconhecem um certo excesso por parte de alguns colecionadores:

“C2: deixar os discos na vertical pois se empilhar você empena, manuseio, pegar nas bordas pois tem gordura na mão. Mas também não tem neura, tem gente que vem aqui e pega o disco com cuidado em demasia. Você pode pegar o disco com a mão, não precisa de muita firula também.”

Mas há que se destacar que em todos os casos há zelo e preocupação por parte dos colecionadores em realizar manutenções e cuidados com equipamentos e coleções. Mesmo aqueles que demonstraram durante as entrevistas certo desprendimento e críticas a um certo excesso de cuidados reconhecem que há certos aspectos mínimos na manutenção dos equipamentos por técnicos especializados e a importância de se manter um mínimo de limpeza nos discos, visando aumentar a vida útil destes.

Tal resultado se assemelha ao encontrado por Rapeli (2018), no qual houve evidência de que os cuidados inerentes e necessários ao processo de se colecionar discos de vinil deixam de ser um mero inconveniente e são tratados como parte autêntica do processo de se colecionar.

O fenômeno também pode ser entendido como manifestação de um desejo por certa higiene mental (Van Dillen & Koole, 2007), processo no qual há uma busca por ocupação do indivíduo por atividades que ocupem o tempo e a mente deste, não criando espaço para fontes de pensamentos que possam eventualmente gerar angústia no indivíduo.

Os cuidados envolvendo a manutenção periódica dos equipamentos e principalmente o processo de limpeza e cuidados para evitar o acúmulo de poeira e sujeira nos vinis é altamente ritualizado. Mesmo aqueles que mantêm cuidados básicos demonstraram vários procedimentos conectados entre si de forma fixa e exata, com roteirização bem definida, com começo, meio e fim (Rook, 2007). Diversos entrevistados relataram que ao comprar um álbum novo, a primeira ação imediata seria o processo de lavagem com água e sabão neutro, secagem e guardá-lo com plásticos protetores novos. E que periodicamente repetem o processo com toda sua coleção. Mais do que um processo meramente de limpeza, a grande frequência na incidência de tais ações, bem como a sequência, indicaram comportamentos altamente ritualizados que conectam o colecionador com sua obra, envolvendo o artefato (disco de vinil) e seu colecionador (McCracken, 2007).

Não é de se estranhar, portanto, que os colecionadores prezem por um bom estado de conservação em geral quando se trata de adquirir discos de vinil usados. Por se tratar de objetos usados, alguns raros e muitas vezes com algumas décadas de idade, não é possível exigir o mesmo estado de conservação de um disco novo. Contudo, há uma certa exigência por parte do público consumidor de disco de vinil que a mídia esteja em condições de uso e reprodução. Existe uma linha tênue que separa o charme de um disco de vinil usado com algum desgaste natural pelo tempo e uso de uma mídia sem as mínimas condições de utilização. No geral os colecionadores buscarão os discos no melhor estado possível, e mesmo aqueles álbuns mais raros, mais procurados, precisarão atender a um mínimo de qualidade, tanto de reprodução quanto no seu material gráfico das capas. Não faria sentido para um colecionador adquirir um álbum que mesmo muito raro não possuísse capacidade de reprodução. Sendo assim, tais rituais envolvendo cuidados e manutenções desde os mais criteriosos até os menos exigentes deixam de ser um fardo ou uma obrigação e passam a ser fatores fundamentais que integram a experiência autêntica de se consumir o vinil.

Alguns dos rituais explorados estão sintetizados na Figura 4 a seguir:

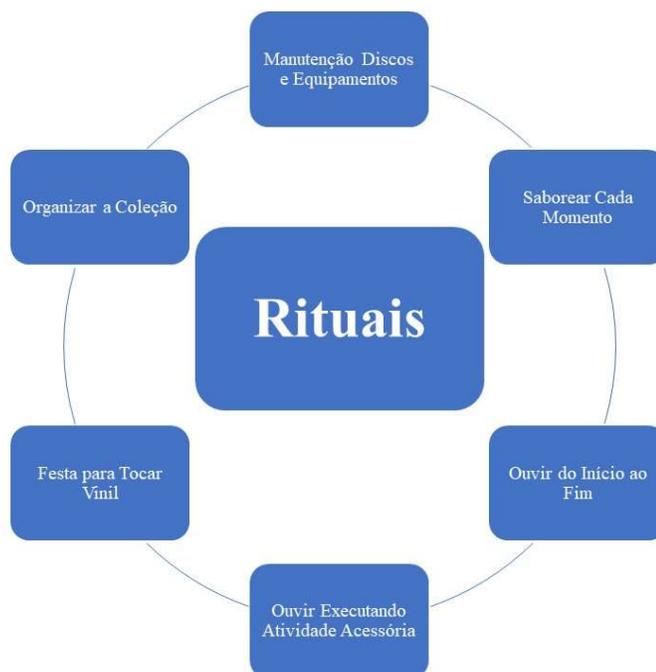


Figura 4 – Rituais Associados ao Vinil

## 5. CONCLUSÃO/ CONTRIBUIÇÃO

Os rituais compõem parte importante do entendimento do consumo de discos de vinil. Além dos rituais em si envolvendo os discos de vinil, tais como eventuais práticas de limpeza e manutenção dos discos, bem como os rituais no ato de ouvir o vinil (beber um vinho, leitura dos encartes, ouvir em determinado horário ou executando uma tarefa em específico), se observou também os rituais implícitos inerentes ao processo de se relacionar com o disco de vinil. Estes rituais também acompanham os colecionadores, mesmo que não sejam citados e lembrados de forma explícita. O próprio ato de se frequentar uma feira de vinil já se caracteriza

como um processo altamente ritualístico, visto que têm periodicidade, local e uma série de eventos previamente definidos. E durante a feira há uma sequência ritualística também já estabelecida: há uma ordem estabelecida na sequência de discos a serem ouvidos, e os frequentadores percorrem os estandes dos expositores, que deixam seus discos à venda à mostra. Nesse processo há que se folhear disco a disco, num processo que demanda algum tempo e energia, sendo uma rica fonte de prazer para os frequentadores descobrir álbuns, encontrar surpresas, enfim, todos os benefícios propiciados pelo “garimpo” de discos. O simples ato da compra do disco de vinil de forma online também se mostra recheado de processos ritualísticos envolvendo a busca do item em si, seguida do trabalho de se buscar informações sobre o vendedor, preparar o frete e aguardar o envio. De forma acessória à manutenção e limpeza da coleção de cada indivíduo, há também o trabalho de se organizar, catalogar, e eventualmente categorizar, à medida que o acervo colecionado aumenta. Também se insere nesse contexto um trabalho ritualístico de manter a coleção do indivíduo em ordem. Nesse sentido o ato de se colecionar vinil se caracteriza por um processo maior de ritualização, quando analisado num contexto mais amplo (quando se olha o processo como um todo), se desdobrando em atividades específicas, tais como rituais na manutenção, rituais na atividade de se ouvir o vinil e rituais nas feiras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alpert, R. T. (2015). *Religion and sport: An introduction and case studies*. Columbia University Press.
- Anderson, C. *A Cauda longa: do Mercado de Massa para o Mercado de Nicho*. Rio de Janeiro: Campus, 2006.
- Bardin, L. (2011). Organização da análise. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições, 70, 229.
- Bartmanski, D., & Woodward, I. (2013). The vinyl: The analogue medium in the age of digital reproduction. *Journal of Consumer Culture*, 15(1), 3–27.
- Bartmanski, D., & Woodward, I. (2016). Vinyl record: A cultural icon. *Consumption Markets & Culture*, 21(2), 171-177.
- Belk, R. W. Collecting in a Consumer Society. In Slater, J. S. (2001). *Collecting Brand Loyalty: A Comparative Analysis of How Coca-Cola and Hallmark Use Collecting Behavior to Enhance Loyalty*. *Advances in Consumer Research*. v. 28, p.362-370.
- Belk, R. W. (1990). The role of possessions in constructing and maintaining a sense of the past. *Advances in Consumer Research*, 17, 669-676.
- Boyer, P., & Liénard, P. (2008). Ritual behavior in obsessive and normal individuals moderating anxiety and reorganizing the flow of action. *Current Directions in Psychological Science*, 17, 291-229.
- Brooks, A. W., et al. (2016). Don't stop believing: Rituals improve performance by decreasing anxiety. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 137, 71-85
- Fazal-E-Hasan, S. M., et al. (2021). The path to game-day attendance runs through sports fan rituals. *Journal of Business Research*, 137, 308-318.
- Glaser, G., Strauss, A. (1967) *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter
- Harada, I. B. (2019). O retromarketing na Indústria Musical: o regresso dos discos de vinil.
- Herrmann, P. A., et al. (2013). Stick to the script: The effect of witnessing multiple actors on children's imitation. *Cognition*, 129, 536-543.
- Hobson, Nicholas M., et al. (2018) "The psychology of rituals: An integrative review and process-based framework." *Personality and Social Psychology Review* 22.3: 260-284.
- Hobson, N. M., Schroeder, et al. (2017). The psychology of rituals: An integrative review and process-based framework. *Personality and Social Psychology Review*, 22(3), 260–284.

- IFPI. (2021). Global Music Report 2021. Reino Unido: IFPI – Disponível em: <https://www.ifpi.org/resources/> - acesso em 01/11/2021
- Islam, G., & Zyphur, M. J. (2009). Rituals in organizations: A review and expansion of current theory. *Group & Organization Management*, 34(1), 114-139.
- Legare, C. H., & Souza, A. L. (2012). Evaluating ritual efficacy: Evidence from the supernatural. *Cognition*, 124, 1-15.
- Norton, M. I., & Gino, F. (2014). Rituals alleviate grieving for loved ones, lovers, and lotteries. *Journal of Experimental Psychology: General*, 143, 266.
- Rappaport, R. A. (1999). *Ritual and religion in the making of humanity*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Rapeli, M. R. (2018). Tocando o autêntico: os significados da autenticidade no consumo de discos de vinil. RIAA – US Sales Database <https://www.riaa.com/u-s-sales-database/> - acesso em 11/10/2021
- Rook, D. W. Dimensão ritual do comportamento de consumo. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 47, n. 1, p.81-97, jan./mar. 2007
- Van Dillen, L. F., & Koole, S. L. (2007). Clearing the mind: A working memory model of distraction from negative mood. *Emotion*, 7, 715-723
- Verhoef, P. C., et al. (2009). Customer experience creation: Determinants, dynamic and management strategies. *Journal of Retailing*, 85(1), 31–41.
- Wang, X., et al. (2021). Ritualistic consumption decreases loneliness by increasing meaning. *Journal of Marketing Research*, 58(2), 282-298.
- Zenerian, E. (2018). ‘Doing–listening’ with Deranged’s *Struck by a Murderous Siege*: An auto-ethnography of death metal vinyl consumption. *Metal Music Studies*, 4(1), 115-130.